

TA.PU.ME

Henrique Fornazin¹

Recebido em: Novembro, 2014
Aceito em: Dezembro, 2014

Para citar este ensaio:

FORNAZIN, Henrique. “TA.PU.ME” In: Revista Intratextos, 2014, vol 5, no1, p. 71-94.
DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2014.15807>

¹ Mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ.



Tapume: sm (de tapar). 1 Cerca de madeira com que se veda um terreno do espaço público, em especial uma construção em via pública. 2 Sebe, tapagem, valado. 3 (Constr) Parede provisória de madeira; tabique. 4 Qualquer coisa que serve para tapar.

Dicionário Michaelis, 2013

“O espaço, sem dúvida, é testemunha e veículo desta dinâmica. Nele são travados combates, estão cicatrizes de lutas, erguem-se monumentos ao novo tempo e através de seus signos há a realização simbólica [e material] daquilo que comumente se concebe como ‘vida moderna’. Em síntese, no espaço estão os signos da permanência e da mudança, e são vividos os ritos da ordem e caos, da disciplinarização e dos desregramentos. Seus múltiplos sentidos são vivenciados, a cada instante, nos mais diferentes lugares do planeta”.

HAESBAERT, Rogério. Territórios Alternativos. p. 81. 2002.

Os protestos pela redução do preço das tarifas do transporte público na cidade do Rio de Janeiro, realizados em junho de 2013, inicialmente organizados pelo Fórum de Lutas Contra o Aumento das Passagens, integrou um processo nacional de intensificação das manifestações de rua².

Uma cidade na qual a população observa altos investimentos públicos voltados para os megaeventos esportivos, os quais atuam no sentido de uma reestruturação do espaço urbano, onde os maiores beneficiados têm sido as grandes corporações do mercado imobiliário e a indústria militar³. Em contraste às precárias condições dos sistemas de saúde, de educação e transporte, que impactam diretamente na vida cotidiana da população.

Junto a esse cenário temos a publicização da repressão policial às manifestações contra o aumento da tarifa, possíveis de veiculação ampla pelo crescimento dos meios alternativos de registros de imagens e sua divulgação nas redes sociais. Novas ferramentas de comunicação que possibilitaram a adesão popular aos protestos.

Diferente das manifestações tradicionais organizadas por movimentos populares, sindicatos e partidos, com a presença de dirigentes, nas quais o trajeto e as pautas são previamente estabelecidos, em que o grupo responde a um sistema de organização com determinada coesão e busca-se legitimação e negociações institucionais com pautas definidas, as “Jornadas de Junho” trouxeram para as ruas a ação direta conjunta de grupos e indivíduos diversos, extrapolando as reivindicações iniciais, sem hora ou local definido para seu término.

Não tardou nesses espaços o aparecimento de contradições históricas e disputas pelos sentidos dos protestos. Sujeitos com ideias e formas de vida opostas caminhando em um “mesmo” ato, cujas diferenças foram evidenciadas por polarizações (não sem preconceitos) entre os chamados “pacíficos” e “vândalos” ou entre os “apartidários” e

2 Tais como visto em grandes capitais – Natal, Belo Horizonte, Florianópolis, Porto Alegre, São Paulo, Recife - e em uma infinidade de pequenas cidades – Marabá, Santarém, São Carlos, Itu, Leme.

3 “De acordo com o Portal da Transparência da Copa 2014, a União comprou da Condor S.A., única empresa no Brasil a produzir bombas de gás e armamento não letal em grande escala, R\$50 milhões em Armamentos Menos Letais a serem destinados aos Estados-sede dos jogos da Copa das Confederações de 2013, Copa do Mundo de 2014 e Grandes Eventos.”

“partidários”. Atos nos quais presenciamos a ocorrência de insultos e agressões iniciadas por grupos que se intitulavam “defensores da pátria”, alguns declaradamente com posicionamento a partidos de direita, acuando militantes de movimentos populares e de partidos.

Os conflitos e a espontaneidade dos protestos levaram à redução da participação dos grupos considerados “pacíficos”, seja pelo receio da violência policial⁴, pela divergência das reivindicações, pelo medo dos rumos indefinidos dos protestos. Indivíduos e grupos que permaneceram nas ruas sob a prática da ação direta, ainda que com posicionamentos estratégicos diversos, articulados através das redes sociais e em fóruns públicos. Mantinham afinidades junto às pautas, incorporando a luta pelo “Fim da Polícia Militar”, somando-se ainda a lutas específicas de determinadas categorias, como a que ocorreu durante greve dos professores. No decorrer desse fenômeno, a violência policial cada vez mais foi evidenciada por canais de comunicação alternativos e experimentada por aqueles que participavam das mobilizações, deixando claro o caráter da corporação tal como recentemente denunciado nas falas do comandante do Batalhão de Choque da PM na época, Fábio Almeida de Souza: “Tonfa é o c...! 7,62 (calibre de fuzil) mata eles tudo (*sic*)”. Depois, ele acrescenta: “Porrada, paulada, tonfada, fuzilzada, mãozada...”. (HERINGER, 2015).

As ruas tornaram-se palco constante das manifestações, novos personagens e novas estratégias surgiram, inferindo no cotidiano da cidade, chacoalhando e pautando debates. A paisagem do centro da cidade se transformou, repleta de *tapumes* como uma cidade em luta (*Polis*), que resiste ao esvaziamento do seu sentido político. Tapumes que, instalados para proteção das propriedades contra os chamados vândalos, eram frequentemente apropriados por esses para servirem como escudos e barricadas contra a violência policial. Violência que tornou-se pauta presente em diversos meios. Classificações como de “casos isolados” ou despreparo da Polícia Militar rapidamente foram desmascarados e problematizados por organizações de direitos humanos e de

4 Principalmente depois do “revide” da Tropa de Choque ao ato do dia 20 de Junho após o cerco à ALERJ no dia 17 de Junho.

moradores de favelas, que vivenciam a prática cotidiana da violência militar exercida sobre os grupos considerados “inimigos”.

O presente ensaio fotográfico é a imersão pessoal como fotógrafo militante em uma ação continuada de grupos e indivíduos diversos, que buscam uma nova forma de organização política e participação social. Um cenário de luta criativa, onde a ocupação da rua busca a ampliação dos direitos e a criação de novas formas de vivenciar o espaço público. Por outro lado, a supressão de liberdades, pelo aparato repressivo de instituições militares, judiciais e da grande mídia.

Experimentação onde alguns, em suas maiorias jovens, respondem com a prática de contra violência, extravasando e expressando a revolta contra símbolos dispostos no espaço urbano, os quais reconhecem como parte das mesmas forças que exercem as opressões: bancos, instituições políticas, militares, jurídicas, publicidades, empresas de transporte, grandes corporações.

Expressões que não se resumem apenas à destruição, mas que elaboram estratégias de defesa coletiva e apoio mútuo: grupos de paramédicos, grupos de advogados ativistas, tecnologias de inutilização de armas, cordões de proteção a manifestantes e a espaços de interesse público; ou festividades momentâneas em meio ao caos das peregrinações pela cidade: jogos de futebol nas avenidas, rodas de capoeira, rodas de funk, grupos de músicos itinerantes, performances de anti-heróis, grupos de teatro. Onde atuam coletivamente sujeitos diversos: militantes tradicionais, indígenas, moradores de favelas, jovens de diferentes bairros, estudantes secundaristas, estudantes universitários, trabalhadores urbanos precários, advogados, sem tetos, mídia ativistas... que a espécie de um ritual político se apropriam de espaços de circulação e consumo, transgredindo fronteiras e sentidos dos usos da cidade.

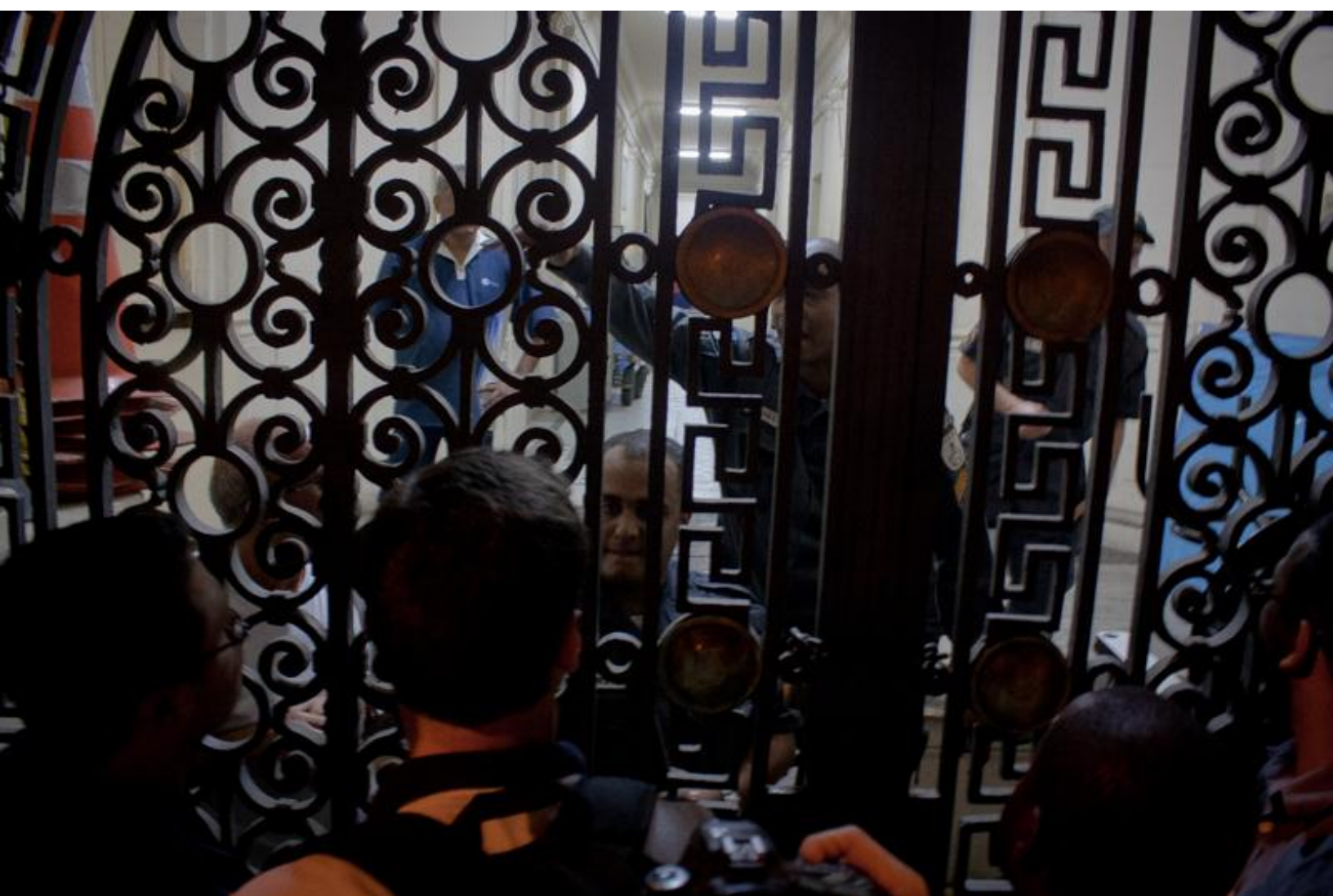


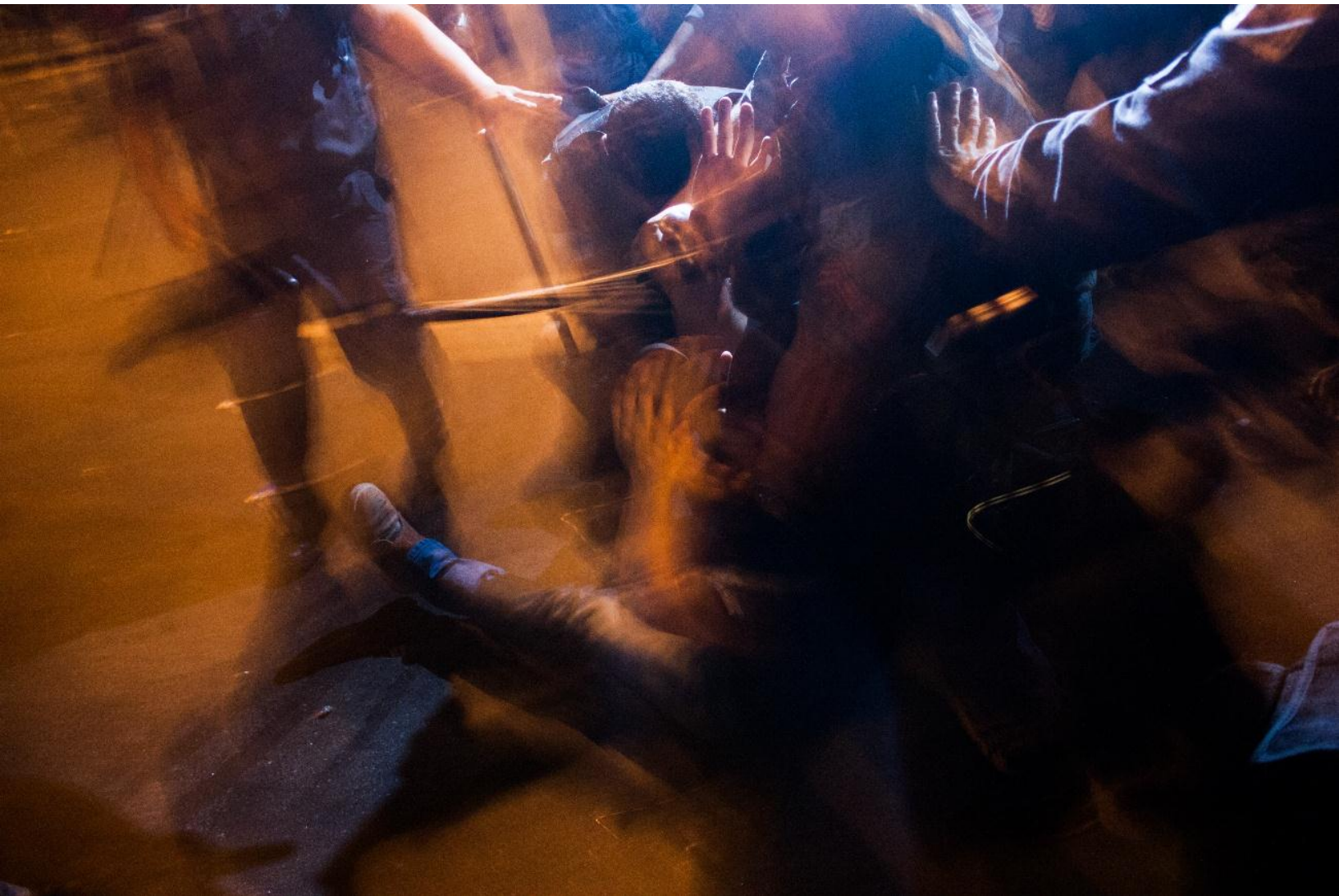


































Referências bibliográficas

GUTTERRES, Anelise dos Santos. **“Não é mole não, pedi transporte público e me deram um caveirão”**: uma descrição não distanciada das manifestações políticas de junho e julho de 2013 no rio de janeiro. Revista Luminuras, Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 360-382, jul./dez. 2013.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HERINGER, Carolina. **Em grupo de WhatsApp, comandante do Batalhão de Choque defendeu violência contra manifestantes**. Jornal Extra, 3 de Janeiro de 2015. Disponível em <http://extra.globo.com/casos-de-policia/em-grupo-de-whatsapp-comandante-do-batalhao-de-choque-defendeu-violencia-contra-manifestantes-14960636.html>

IZABEL, Tomaz Amorim. **Novos mercados da violência no Brasil: as armas não letais**. Blog Negro Belchior Revista Carta Capital. 28 Agosto 2014. Disponível em <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2013/08/28/novos-mercados-da-violencia-no-brasil-as-armas-nao-letais>